

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

Nada de novo, nada pelo menos que mereça ser assinalado : algumas gradações de côr, alguns detalhes, eis tudo ; mas em these geral nenhuma novidade.

Assegura-se-nos que a vasquinha a respeito de vestuario de cima, é o que de melhor a trazer-se, e acaba de apparecer a *Eugenia* de um gosto verdadeiramente delicioso : ella é justa, de nobreza, e fôrma pela parte inferior uma serie de dentes, enfiçuecidos por uma bordadura *pyramide*, offerecendo como uma serie de raios, cuja ponta é dirigida para a cintura ; por baixo destes dentes fluctua uma bella renda, sobre a qual se balança um lindo franjado.

O mantelete não se acha em menos voga do que a vasquinha : fazem-se muitos em renda de *Chantilly*, embelecidos de fôfos de fita-pluma, genero de fita muito novo e de uma originalidade mui graciosa.

Uma moda que começa a adquirir grande credito, é a das *camisinhas-romeiras*, de duas ou tres ordens, especie de camalha assás ampla para formar algumas pregas em torno da cintura ; este ornato enfeita-se segundo o gosto de cada qual, quer com franjados, quer com rendas, e segura-se á vontade com fitas, com laços, com colchetes ou alamares ; trazem-se estas camisinhas, quer da mesma côr do vestido, quer de outra differente.

Os vestidos de cerimonia fazem-se muito decotados, e corpinhos muito ornados como no tempo do Imperio.

Para *toilette* de passeio, a preferencia pertence ao corpinho aberto quadradamente. As mangas não descem mais baixo do que o cotovelo ; só as guarnições é que se prolongão até o ante-braço, que deixão em parte descoberto. Um genero de mangas de um gosto tão rico como novo, é o que se compõe de grandes fôfos de filô, separados por entremeios em crespos de fitas encaixilhadas em renda, e retidas por laços de fita que vão prênder-se aos hombros.

A saia, de uma amplitude excessiva, continua a formar cauda.

Um genero de corpinho delicioso, e que obtem um grande successo, é o *Amazona* : é um corpinho afogado, de costas chatas, e cuja golla é ornada de uma pequena valenciana ; a frente, aberta em toda a sua altura, é ornada de seis pequenas travessas, que vão diminuindo de comprimento á proporção que se approximão da cintura, e munidas de presilhas presas em pequenos botões de granada engastados em ouro ; as orlas são guarnecidas de um pequeno franjado *tom-pouce*, que acompanha exactamente todos os contornos ; a manga de uma exquisita novidade, é de tres folhos orlados do mesmo franjado e separados por fôfos ; as sub-mangas

são em valenciana, e compoem-se de um duplo folho com um folho em entremeio.

Os chapéus trazem-se um pouco menos pequenos, segurando bem á cabeça e avançando um pouco para diante. Começa-se a perceber que um chapéu não é precisamente feito para descobrir a cabeça, e que se volta a alguma cousa um pouco mais rasovael que nestes últimos tempos: também se é muito mais sobrio

de enfeites e de confusão de côres. O excesso mesmo tornou a trazer a simplicidade.

Não julgamos lóra de proposito lembrar ás nossas elegantes os cosmeticos, cujo effeito é garantir a côr do rosto dos effeitos do sol, e da vivacidade do ar. A *melosine de Legrand*, é como se sabe, um excellento preservativo, e muitas elegantes só a ella devem a frescura e o brilho da sua pelle.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

N. 1. — Collarinho bordado a ponto real e ponto inglez.

N. 2. — Bordado a matiz.

N. 3. — Collarinho bordado a ponto real, ponto d'armas e abertos rendados.

N. 4. — Tira bordado inglez.

N. 5. — Tira bordado inglez.

N. 6. — Entremeio, ponto inglez.

N. 7. — Bordado, ponto real e ponto inglez.

N. 8. — Bordado, ponto inglez.

N. 9. — Bordado, ponto real,

N. 10. — Bordado ponto real.

N. 11. — Bordado, ponto real.

N. 12. — Bordado inglez.

N. 13. — Bordado a *crochet*.

G — Bordado, ponto real.

A T — Bordado, festão.

A L — Bordado a festão.

A T — Bordado a festão.

Firma. — Bordado a festão.

CHRONICA DOS SALÕES.

Nada de exordio, amáveis leitoras e entremos em materia.

No sabbado da semana passada tivemos occasião de apreciar uma das mais bellas e brilhantes reuniões que de ha muitos annos a esta parte se tem dado nesta côrte. Era no palacete do Sr. Antonio José Domingues Ferreira, rua de S. Christovão, em cujos adornados salões não é novo o brilhar intenso das centenas de luzes dos seus donrados candelabros, e o recender suave das mais aromaticas e delicadas flores da nossa terra. Desta vez abrirão-se as portas desses salões em gala, ao anniversario natalicio de uma de suas estimadissimas filhas, para receber a par de uma luzida companhia, o Sr. Thalberg e a maior parte dos melhores artistas lyricos e amadores, á uma *soirée musical*, a mais interessante e arrebatadora, divina mesmo, porque horas se passão neste mundo que só se comparão com as delicias do Céu.

Erão as Sras. Charton, La Grua, Casaloni; erão os Srs. Giannini, Dufrenc, Gentile, Ferranti, Tati pai e Tati filho, Tronconi com sua melodiosa harpa, Helena com sua rabeca, Demeur com sua flauta saudosa, e Thalberg com o seu piano, com os seus dedos rouxinoes, com a sua musica feiticeira de eucantar os elementos harmonicos dessa noite deliciosa.

Ás nove horas principiou o *soirée musical*. Dous duettos, um do *Elixir de Amor* e outro da *Italiana em Argel*, executados com primor pelas

duas estimadissimas filhas do Sr. Antonio José Domingues Ferreira, acom. anhadadas pelo Sr. Ferranti, estrearão o programma dessa magnifica reunião. Logo depois seguirão-se as harmonias, as difficilzes execuções, as melodias, as divinas porções do canto dos anjos da côrte celeste, pelos artistas convidados. Mais tarde, a uma hora da madrugada, uma o pipara ceia; e depois uma animação geral, uma alegria constante, uma satisfação completa em toda a companhia, só ás seis horas da manhã, entre contradações e valsas, deu fim essa bem combinada e singular funcção, acompanhando o agradecimento de todos os convidados ás affaveis maneiras do tratar sincero do Sr. Antonio José Domingues Ferreira e toda a sua familia, a quem mais uma vez dirigimos nossos cumprimentos.

Nessa noite deu tambem a *Sylphide* a sua reunião mensal, que esteve bastante concorrida, e onde se notavão lindos *toilettes*.

Sendo domingo o dia anniversario do natalicio de S. M. F. El-Rei de Portugal D. Pedro V. S. M. o Imperador, deu por esse motivo na Imperial quinta da Boa Vista um jantar, a que Se Dignou convidar o Ministerio, Conselho de Estado, officiaes mores de Sua Casa e o representante da Nação Portugueza nesta Côrte.

Pelo mesmo motivo no Salão da *Phil-Euterpe* deu-se um grande e esplendido baile concorrido pelo elegantismo do Rio de Janeiro, e por muitas de suas principaes notabilidades. Ministros de

Estado, Conselheiros, o Sr. Consul Geral de Portugal, tudo concorreu para maior brilhantismo do baile. Duas musicas tocavão sem cessar, e nos intervallos da dança a Sra. Casaloni, e Ferranti nos extasiarão com lindos pedaços de canto. Apparecerão ricos *toilettes*, muitos dos quaes sobresaão pelas distinctivas cores de branco e azul — o baile começou pelos hymnos brasileiro e portuguez, os Exms. Srs. D. Antonio de Saldanha da Gama, Adriano Castello e José Luiz Pereira merecem elogios pela nobre idéa que tiveram de, festejando os annos do Monarcha Portuguez, beneficiarem o Asilo dos Cegos e Mudos de Portugal.

Na terça-feira o Sr. Barão do Pilar, tambem deu o seu *soirée* musical, reunindo no seu palacete do campo da Acclamação, as pessoas de sua amizade para vivirem o Sr. Thalberg.

Foi mais uma noite que gozamos de uma destas apreciaveis reuniões, que tao raras são nos opulentos salões, onde mais de uma vez tão facil seria reproduzil-as em troca das já tão seductivas quadrilhas, arrastadas até uma hora da madrugada.

Na quarta-feira installou-se uma nova sociedade bailante denominada *Euterpeina*, que em sua primeira reunião esteve por demais brilhante: grande concurrencia de lindo madamismo, e um serviço de um gosto inteiramente novo, que abundou sempre; todas as pessoas presentes sahirão penhoradas pela maneira distincta porque foram tratadas pela directoria, muito principalmente pelo seu digno presidente o Sr. Dr. Araujo.

Hoje sabbado, deve ter logar a partida do *Cassino Militar*; e o *Recreio Militar*, que nos tinha promettido a sua brilhante reunião para esta semana, guardou-a para a dar em festejo da Independencia do Imperio em esplendido baile em grande gala no dia 27 do corrente mez.

Sobre theatros, domingo tivemos no theatro de S. Pedro, o *Homem de Ouro* e *Tres Gen. os Fogosos*, comedia que dizem ser muito linda, apezar do seu *senão*; a *Luva* e o *leque*, e a *Escada de mão* no Gymnasio, foram os pontos de reunião do nosso mundo elegante: achava-me então na pittoresca *Nittheroy*, e por conseguinte nada do que nelles se passou vos posso dizer.

Na segunda-feira foi o *Othello* no lyrico, e a seu respeito reporto-me ao que vos disse ha dias, com a differença que notei mais gosto e mais esforço da parte de Ml.^o La Grua para agradar ao publico. Na terça-feira repetiu o Gymnasio a representação de domingo, e em S. Pedro houve o *D. João de Marãna*, a beneficio da casa Pia de Pelotas, que sempre pensei fosse mais concorrido do que foi, attenta a religiosidade e philantropia do fim a que foi levado á scena; comtudo não direi que não houve enchente. Quarta-feira foi no *Provisorio permanente* a *Norma*, de Bellini. Na quinta, a *Tia Bazú* no nosso theatro de Scribe. Sexta-feira a repetição da *Norma* no lyrico, e nas Variedades o *Ermilão da Cabana*, e finalmente hoje sabbado o Sr. Tati deve fazer o seu beneficio com a *Linda de Chamounix*, constaudo-nos que nessa

noite estreará o joven Tati que mal conta 16 annos de idade, em uma aria da opera *Aída* do maestro Verdi. E' a chronica mais completa e em ordem a mais chronologica, que se pôde fazer sobre os passatempos alegres que occorrerão nesses sete dias que se foram maizros para as pernas dos valentes; foram sofrivelmente gordos os ouvidos dos *dilettanti*.

Extasiou-nos, como sempre, Ml.^o La Grua no seu papel de *Norma*, e se sublime esteve no *Othello*, se ô deleite e o encanto, a attenção apurada que soube captivar dos ouvintes cujo enthusiasmo se pintava em todas as feições, com a vehemencia mais expressiva do prazer, não nos é possivel a nós outras que mais ou menos comprehendemos o alcance do bello e do sublime na grandeza e magestade do seu papel, não podemos, repetimol-o, descrever o enthusiasmo altamente aquilatado que arrancando *bravos*, e lançando cores mostrava em todas as *physiognomias*, as scenas, os embates de descripção difficil, em que o espirito e o coração enternecido tão bem se retratavão na ledice e voluptuoso fruir que se desenhava nos rostos docemente alterados pela magia e encanto dessa voz celeste! Genio musical, é Ml.^o La Grua uma dessas actrizes, uma dessas cantoras que as escolas não concelecionão e que nem o tempo ha mister corrigir ou apurar: talento, graça, voz, e naturalidade em scenã, duas que em tão perfeito grão possui, a collocão ao nivel das sublimidades artisticas quaes as Mallibrã, La Pasta, as Charton e Casaloni. Bellini na concepção divinal que o levou a escrever o documento vivo e sentimental de sua immortalidade nessas paginas sublimes, nesses caracteres significativos de tanta paixão, de tanto fogo, de tanto sentimentalismo, não podia encontrar tradutora mais fiel e eloquentes de seus pensamentos elevados do que em *Emy La Grua*!

Agora uma transição; caíamos dessas regiões desconhecidas de melodias, não vulgares a que nos arrebatou o espirito sollicitado por estes arroubos de um genio quasi especial, para entrarmos em consideração mais calma e positiva, isto é, para darnos a direcção do Gymnasio em conselho de amiga, um conselho salutar que o egoismo e a indifferença desgraçadamente tão commum entre nós occultaria, mas que a franqueza e a urbanidade nos levão a pedir-lhe permissão para o fazer: assim perguntaremos:

Qual a razão porque comedias nacionaes de gosto cultivado, tão espirituosas e muito mais Moraes do que algumas traduções que se ha representado, não se tenha querido levar á scena tendo o Sr. Doux pleno conhecimento dellas? Será porque entre nós não se sabe escrever para theatros? Duvidamos: é preciso que precefidas as justas exigencias da lei; se anime o escriptor nacional que é applicado e que tem gosto por aquelles trabalhos. O nosso parecer é que se experimente, pois ellas já tem a approvação do Conservatorio, e então deixe-se ao publico a liberdade de emitir o seu juizo. Nem sempre a verdade muito ingenua é agradável.

Adeos, minhas amigas; estou um pouco cons. tipada. Até Domingo que serei mais minuciosa.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 57.)

Nesta gruta entrãõ Jarilla e Roman. A donzella reclinou-se no leito, e Roman sentou-se-lhe aos pés.

Ultimo dia de maio, como és formoso! Como são deliciosas as tuas grutas, com seu temperado ambiente, com seu silencio, com seu recolhimento no fundo da selva. Bem depressa a verde folhagem se enrubescerá... aproveitemos as delicias do ultimo dia de maio.

Porém Jarilla está realmente enferma, muito enferma. Ao frio glacial que experimentára na gruta, succedeu um ardor que a consumia. Tem as faces vermelhas como a flôr da romieira. Os labios seccos, os olhos reluzentes, como de agnia real.

Aperta o coração com ambas as mãos, como se quizesse conter as suas palpitacoes, e promette em dolorosos gemidos.

Roman, silencioso, e com a desesperação debruçada no semblante, approxinou-se della, e chama-a pelos nomes mais meigos. Jarilla, em vez de responder, estorce os braços, e bate na testa. Roman beija aquella fronte adorada, e ajoelha diante della.

— Roman, exclamou Jarilla com expressão indelivel. Roman, já me amas, bem conheço. Beijaste-me na testa!

E a virgem estendeu os braços para elle.

Porém Roman recbõu, e arrependido tornou a approximar-se, para de novo retroceder.

— Meu Deus, bradou, erguendo os olhos para o céu, meu Deus, basta já; tende piedade de mim!

E pela segunda vez da sua vida, dois fios de lagrimas se lhe despregãõ dos olhos. Etão as ultimas que havia de derramar aquelle cavalleiro nobre e desgraçado.

Jarilla, já com o delirio da febre, erguen-se, viu Roman a chorar. Etão a sua piedade instinctiva despertou-se-lhe, e apertando contra o peito a cabeça do donzel, lh'a inundou de caricias.

Era como uma mãe a consolar seu filho.

Todos os nomes ternissimos que sabe, todos os repete a seu amante. Se não lhe diz outros mais doces ainda, é porque os não sabe. Porque sempre viveu na solidão, e não cultivou o espirito. O seu amor exprime-se como o das aves, em vagas toadas.

Ultimo dia de maio! Tu és o tormento dos corações amantes, quando não és a felicidade. Tu povoads o ar de espiritos que perturbãõ a razão, e que luctãõ dentro de nós sem os podermos vencer, e sem que possamos ser vencidos.

Roman apertou Jarilla nòs braços como se a quizesse afogar e morrer com ella, e depois uniuos consigo mesmo, sahio da gruta desorientado.

VII.

ALLEGRETO FINAL.

Adeus ao ultimo dia de maio.

Cesad hermosas estrellas
Que nos es bien que lloreis mas
.....
Donde irás el triste duque ?
De tu vida que será ?

ROMANCERO.

Já vejo o teu derradeiro raio a sumir-se além da serra, ultimo dia de maio!

Triste alumnias estaõ selvas. Despedes-te deixado a donzella na agonia dentro da gruta.

Já era tempo de descansar. A enfermidade havia percorrido todas as suas phases. A' noite devia de Jarilla espirar, e a sua paixão deu-lhe alento por algumas horas mais. Já fez muito em resistir todo o dia.

Já o cerebro começava de transtornar-se-lhe quando Roman a abandonára. Espantou-se e ver fugir o seu amante, e quiz sahir da gruta, mas faltárao-lhe as forças. Recordou-se da Virgem Maria... queria vê-la. Pretendeu gritar, e entorceuse-lhe a lingua, já livida, já inerte. Agitárao-n'a violentas convulsões. Caiu depois em lethargo.

Ultimo dia de maio... Adeus!

Roman, depois de ter deixado a gruta, andou girando sem saber por onde ia, nem para onde ia.

Subiu umas penhas, e occorreu-lhe a idéa de se precipitar. Roman, porém, lembrou-se de que Jarilla ficava abandonada.

Procurou serenar-se. Passou duas horas na serra, e ao pôr do sol, voltou a gruta.

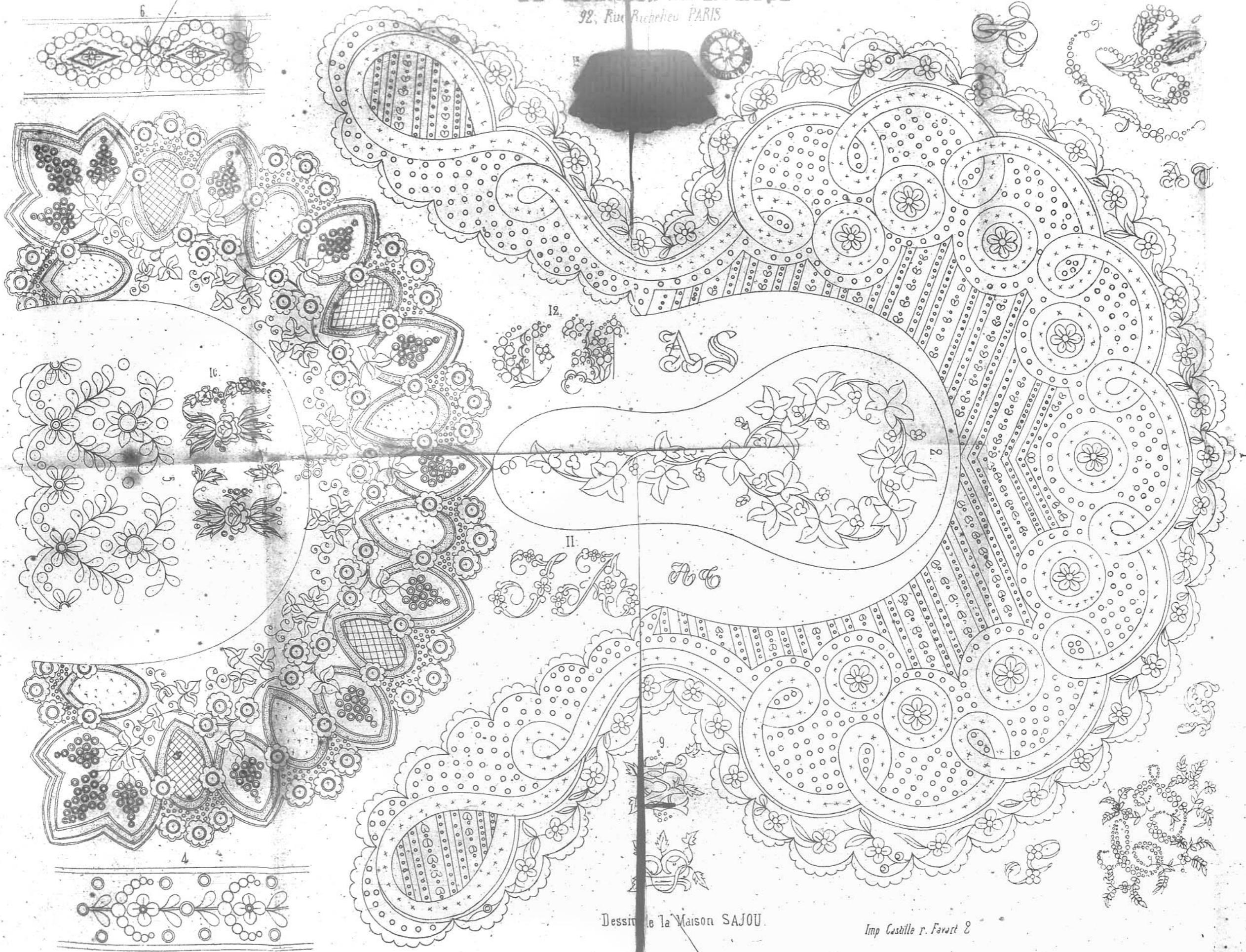
— Adeus! ultimo dia de maio! Devias ser a felicidade, e foste a morte! Foste como aquella flôr que envenena com seu perfume. As sombras da tua noite, em vez de velar o somno de uma esposa feliz, vão esconder o cadaver de uma virgem martyrisada.

Selva de Jarilla, fonte dos loureiros, gruta da ribeira, roble da Virgem, Adeus! Adeus para sempre!

No dia seguinte ao da morte de Jarilla, no fundo de um horrivel precipicio, encontrou-se o cadaver de Roman despedaçado pelas pontas dos rochedos...

Orai pelo cavalleiro, que não soube ser forte, nem fraco!

Orai pelo cavalleiro, que não soube fugir a tempo da selva!



Orai pelo cavalleiro, que veiu á selva christão, e se fez mouro, para não ser nem mouro, nem christão!

Não oreis por Jarilla... que os aujos não carecem das nossas orações.

Dez annos depois destes successos, foi que uns

piedosos monges, avisados por um pastor, encontráram no roble a Virgem que adorava Jarilla, e fundáram a ermita que hoje existe cêrca da fonte dos loureiros, nos montes da Jarilla.

FIM.

POESIA.

HYMNO A NOSSA SENHORA.

Oh! Virgem Immaculada,
De Jesus-Ch isto amante,
Das Virgens a pura Virgem,
Sêde connosco um instante.

« Oh! Virgem da Conceição,
« Por Vosso filho na Cruz,
« Livraínos deste flagello,
« Para sempre—Amen Jesus.

Afastai deste Paiz
O Castigo flagellante
E na hora da agonia
Sêde connosco um instante.

« Livraínos oh! Virgem pura,
« Senhora da Conceição,
« Livraínos de todo o mal,
« Dai-nos vossa protecção.

Esquecei nossas miserias,
Temos peccado bastante;
Mas por vosso Bento filho
Sêde connosco um instante.

« Afastai dos Brasileiros
« A terrivel maldição,
« Sejaes p'ra elles a egide
« Oh! Virgem da Conceição.

Pelas dores que soffreu
Vosso filho agonisante,
Pela Cruz em que pendeu
Sêde connosco um instante;

« P'ra que na hora extrema,
« Sem temer a afflicção,
« Digamos arrependidos
« Queremos a Santa Unção,

P. de L.

D. CAROLINA CORONADO

AUTORAD O ROMANCE — JARILLA — QUE HOJE FINDA.

Cante la que mostrar la erguida frente
Pueda serenamente
Sin mançilla, á la luz clara del cielo;
Cante la que á este mundo
De maldades fecundo
Venga con su bondad á dar consuelo.

D. CAROLINA CORONADO. (1)

A litteratura franceza assenhoreou-se tão despoticamente do mercado peninsular, que rarisimas vezes um livro hespanhol ou portuguez chega a ser conhecido no outro lado da peninsula. Lamentamos sinceramente esta falta absoluta de relações litterarias, e por nossa parte

(1) Vidè — Semanario Pintoresco Hespanhol.

faremos os possiveis esforços para que alguns nomes distinctos da Hespanha não sejam entre nós inteiramente desconhecidos.

Entre os nomes que honrão a litteratura hespanhola, está o da Sra. D. Carolina Coronado. Nasceu esta senhora no anno de 1823, em uma das mais formosas villas da margem do Guadiana. Quatro annos depois, seu pai, perseguido pelo governo de Fernando VII, foi encerrado n'um calabouço de Badajoz, terra para onde a mãe de D. Carolina mudou tambem a sua residencia.

Em Badajoz recebeu D. Carolina a sua primeira educação. Naturalmente melancolica e

séria, a jôven Coronado procurou sempre a leitura dos bons livros, começou cedo a compôr, e aos quinze annos publicou por primeira vez alguns dos seus trabalhos, começando por este modo a carreira brilhante, que tamanha gloria lhe tem grangeado na Hespanha. A poesia intitulada a — *Palma* — foi acolhida com enthusiasmo, e inspirou os seguintes versos de Espronceda :

A CAROLINA CORONADO, DESPUES DE LEIDA
SU COMPOSION — A LA PALMA. —

Dicen que tienes trece primaveras
Y erès portento de hermosura ya,
Y que en tus grandes ojos reverberas
La lumbre de los astros immortal.

Juro á tus plantas que insensato he sido
De placer en placer corriendo en pos,
Quando en el mismo valle hemos nacido,
Nina gentil, para adorarnos, dos.

Torrentes brota de armonia el alma ;
Huyámos á los bosques á cantar ;
Dénos la sombra tu inocente palma,
Y reposo tu virgen soledad.

Mas ay ! perdona ! Virginal capullo,
Cierra tu cáliz á mi loco amor :
Que nacimos de un aura al mismo arrullo,
Para ser, yo el insecto ; tu, lá flor.

A guerra civil devastava então o reino de Hespanha. D. Carolina bordou com enthusiasmo uma bandeira para um batalhão novamente criado em defeza da liberdade. A deputação provincial de Badajoz lhe escreveu por esta occasião um honroso officio, que termina assim :
« Non es dado á la diputacion recompensarle, porque sabe que el mayor premio para V. será el que los valientes á quienes sirve de guia, recuerden al regressar á sus hogares, cubiertos de

la aure'es, la mano delicada que bordó el emblema por cuya defensa derramará su sangre. »

Apezar de toda a lida domestica — em que sua mãe não a poupava, desejava de desviar a tilha da carreira litteraria, que lhe parecia pouco propria para uma senhora — em trabalho quasi mysterioso e clandestino, conseguiu D. Carolina formar uma boa colleção de poesias, que sahirão á luz em Madrid, no anno de 1843, precedidas por uma introdução de Hartzenbusch. Nesta época, tendo apenas 20 annos, já o seu nome figurava em todos os principaes periodicos litterarios, e entre os socios do Instituto, e de quasi todos os Lyceos da Hespanha, incluindo os de Madrid e da Havana.

Em 1844 espalhou-se a noticia da sua morte. As poeas sentidas que então se publicarão, quando todos julgavam que se havia perdido um dos melhores ornamentos das lettras, foram surprehendê-la na sua casa de campo, d'onde respondeu aos que lamentavão sua morte. O sentimento manifestado pela supposta perda, inspirou-lhe a idéa de escrever um livro intitulado : — *Dos muertes in media vida* — que deve ser a sua obra posthuma.

O Lyceu Artistico e Litterario de Madrid, deocon-lhe uma sessão em que foi coroada ; por essa occasião hu D. Carolina nam das suas mais bellas poesias, com o titulo de — *Se va mi sombra ; pero yo me quedo*. — Na sessão régia, pouco depois, representou-se — *El cuadro de la esperanza* — que é uma de suas obras dramaticas. Tem ainda outro drama — *Ajfonso IV de Leon* — já publicado, e um muedicto, cujo titulo é — *Petrarca*.

No anno passado começou a escrever romances, dos quaes já se achão tres impressos — *Paquita* — *La luz del Tajo* — *Adoration*. — Acha-se no prelo a — *Esclaustrada* — livro que ha de fazer época no mundo litterario, segundo dizem criticos intelligentes.

O espaço que temos, apenas nos deixa indicar as primeiras phases da gloriosa vida litteraria de D. Carolina Coronado. Para que o esboço do seu retrato moral não fique incompleto, diremos com um escriptor hespanhol : — *Los escriptores la danos el nombre de HERMANA ; los desgraciados la llaman SU ANGEL !*

FOLHAS ARRANCADAS DE UM LIVRO DESCONHECIDO.

II.

E' uma tola necessidade do homem vulgar a de achar fraquezas, exquisitices e ridicularias nos grandes homens ; mas nós todos somos mais ou menos homens a tal respeito. Não perdóariamos ao genio o levantar tão alto a cabeça até o Céu se elle não tocasse a terra com os pés e Deus sabe então com que sollicitude nos agarramos aos menores defeitos no que cahê sob nossos olhos

desse gigante inacessível. Sómente nós é prohibido como ao sapateiro de que se falla na historia de Appelles ou de Panhasius, subir mais além do calçado.

Quem accreditaria que Epaminondas achasse prazer em cantar nas festas de alibia ? Cousa bem distincta dessas cantigas de Beotios nos campos de batalha de Leucates e de Mantinea.

Nesses dous homens que se divertem em fazer cochetes sobre o mar com pequenos seixo,

quem reconheceria Scipião e Lelius, pueril e indolentemente vadiando, diz Montaigne, em quanto se cossinha a sopa, diz Horacio? Ha bastante distancia, tambem, desses divertimentos vs victorias d'Africa e as comelias de Terencio.

Comprehendo mui bem Agesélao e Henrique IV cavalgando em uma bengala para divertir seus filhos e mesmo eu não comprehenderia o contrario por ser-se Rei, e mesmo um grande Rei, não se é menos capaz de algumas vezes se lembrar de que se é pai.

Mais queriria bem saber onde tinha o espirito esse pobre João, Rei de Chypre, que não fez quasi outra coisa durante o seu reinado senão dobar la.

Perdoar-se-ia voluntariamente a Carlos IX o prazer que tinha em empur versos e ferrar cavallos se outra coisa não tivesse feito. A sua affeição aos seus cães *escrivizes* ao ultimo dos quaes custou-lhe a sobreviver não denota se não uma boa indole; mas a Saint Barthelemy tudo estraga.

Em dous de nossos Reis contemporaneos dos quaes um gostava de forjar fechaduras e o outro de vender o peixe da sua pescaria, não havia talvez senão philosophia: Os Reis não tem grande coisa de melhor a fazer, quando os povos são os senhores.

Augusto mostrou tanto pezar pela perda de uma codorniz, que elle tinha creado; que não o terião visto mais triste se tivesse perdido a batalha de Actem e Honorius foi tao sensível á morte de uma franga chamada *Roma* que voluntariamente teria dado a propria Roma para resgatal-a; mas Alarico a tinha já tomado.

Tudo o mundo conhece a antipathia hostel de Domitiano contra as moscas. Ella é comtudo mais facil de conceber do que a do chanceller Bacon, para as rosas: ainda bem se Bacon tivesse lido os versos casquilhos e perfumados do sereno decimo oitavo, que são capazes de tornar as rosas odiosas para todo o sempre.

Alexandre Sevéro, que fez no seu Pantheon particular uma tão bella collecção de Deozes exoticos e que os escolheu entre os sabios, conhecia um goso mais vivo ainda e mais difficil de explicar: era o de fazer combater cães d'agua com pequenos porquinhos. Buffon, que tanto gostava dos porquinhos pretos, nunca de tal se lembraria.

Depois disto levei a mal com os bellos espiritos da Fronde que Masarin tomasse em affeição um macaco, como se nunca se tivesse visto ministros que peior collocassem os seus beneficios; e melhor é fazer festas a um macaco como fazia Masarin do que encher de balasios os seus criados assopRANDO-lhes por um tubo como tinha feito Richelieu.

Gustavo Adolpho, o grande Gustavo Adolpho era mais fratavel para com os seus pageus. Jogava com elles á cabra-cega em quanto Tilly e Pappenheim lhe talhava uma gloriosa tarefa na planicie de Brestenfeld.

Julgo ter este facto do illustre Baile, que sabia como Gustavo tornar-se superior aos estupidos despresos do vulgacho e passava horas inteiras a ver danças de bonecos.

Não tenho objecção contra os divertimentos de Baile eu que abandonaria bem depressa a pagina começada se ouvisse resmungar, na rua de Sully, a arenga, aspera, ralhadora e regosijante de h.^{mo} Gregoire, apezar de que estou um pouco desgostoso desde que ella tomou gatos para comparsas: mas não é preciso disputar a respeito de gustos sobretudo quando não se tem recebido de um outro genero de celebridade o privilegio dos gustos exquisitos. Os gatos e que gatos, grande Deus! fazião as delicias de Crehillon, que foi, segundo Madame de Pompadour, o emulo feliz de Voltaire.

Voltaire, isso é outra coisa. Não se disse que amasse os gatos, apezar de que teve com elles mais de um traço de sympathy. O seu coração de ferro nunca se amoleceu, senão em favor de duas parvas creaturas do genio animal, uma grande feia aguia dos Alpes mais magra ainda do que o seu dono e a pequena Pampette Dunoyer, que não deixava de ter boas carnes, eis tudo.

Ha homens em que a falsa vocação de um talento estranho ao seu talento pôde passar por uma mania como a do mesmo Voltaire para a comedia de Giroudet para a musica e de Gretry para a philosophia. Não se fallaria de Cicero se elle se tivesse obstinado a fazer versos.

Isto seja dito sem offensa para os bellos desejnhos do maestro Cherubini.

(Carlos Nodier.)

VARIEDADES.

OS GASTRONOMOS NA CHINA.

Não se come na China, como em Pariz ou em Londres e eis a prova. Um negociante Chinez estabelecido em Singapor deo, ha algum tempo, aos negociantes das feitorias europeas nessa ilha estabelecidos e aos officiaes, que ahi se achavão, um festin ao gosto Chinez, servirão-se nelle as

seguintes iguarias: uma sopa de ninhos de passaros e seis outras tanto de carneiro, como de rãs e de figados de adens, um picado de rabos de elephante com molho de ovos de lagarto, um porco espinho estufado, servido com gordura de tartaruga, comidas que alguns francezes parecerão achar mui boas; cavallo marinho excellente e figados de peixes cercados deervas marinhas; enfim narcejas guarnecidas de cristas de pavão,

prato de um gosto exquisito que não se serve na China, servão nos grandes festins e que só elle custou perto de 200 dollars.

Ao dessert o mesmo cuidado: ahi se vião geleas em que a pelle do rhinoceronto tinha fornecido os elementos; não as acharão de um gosto muito delicado. As fructas tinhão sido trazidas de Malaga e os vinhos, de especies muy variadas vinhão principalmente da Europa.

UM RELOGIO MONSTRO.

Eis aqui alguns detalhes a respeito do relógio, que M. Deny acaba de executar em Londres para o novo palacio do Parlamento.

Os mostradores são em numero de quatro e têm cada um vinte e dois pés de diametro, as roldas do mecanismo são de metal e a pendula tem quinze pés de comprido; o ponteiro grande percorre um espaço de sete pollegadas em meio minuto; tem corda para oito dias e meio e só para dar-lhe corda são precisas duas horas de trabalho; o sino que dá as horas é de oito pés de altura e a sua parte superior tem nove pés de diametro peza de quatorze a quinze toneladas e o pezo do badalo é de quatro quintaes.

A SEXTA-FEIRA NA AMERICA.

Desde tempo immemorial, a sexta-feira foi considerada como um dia nefasto; e mesmo hoje que a superstição se acha em perfeita decadencia, ha muitas pessoas que não quizerão começar em tal dia uma empresa importante. O *Norfolk Beacon*, jornal dos Estados-Unidos, para provar que os Americanos, menos que todos os outros, tem o direito de acreditar na sua influencia, dá uma lista de acontecimentos felizes para a America, occorridos em sexta-feira.

Em sexta-feira, 21 de agosto de 1492, embarcou-se Christovão Colombo para a descoberta da America; na sexta-feira, 12 de outubro de 1492, descobriu pela primeira vez terra; na sexta-feira, 4 de janeiro de 1495, voltou para a Hespanha; na sexta-feira, 15 de março de 1495, chegou a Palós; na sexta-feira, 22 de novembro de 1495, chegou a Hespaniola, fazendo a sua segunda viagem; na sexta-feira, 15 de junho de 1494, descobriu o continente do novo-mundo. Na sexta-feira, 5 de março de 1496, Henrique III de Inglaterra deu a John Cabot a sua commissão, que o conduziu á descoberta da America Septentrional.

Na sexta-feira, 7 de setembro de 1565, Melen-dez fundou S. Agostinho, a cidade mais antiga

de quarenta annos nos Estados-Unidos. Na sexta-feira, 10 de novembro de 1620, o *May-flower* tendo abordo peregrinos, chegou ao porto de Province-Town. Sexta-feira 22 de dezembro, os peregrinos installarão-se definitivamente em Plymouth-Rich. Na sexta-feira 22 de fevereiro, nasceu Washington. Na sexta-feira 16 de junho, Beuker-Hill tinha sido tomado e fortificado. Sexta-feira, 7 de outubro de 1777, teve lugar a entrega de Saratoga. Sexta-feira, 16 de outubro de 1681, tomou-se York-Town. Sexta-feira 7 de julho, o congresso declarou a independencia dos Estados-Unidos.

Usos e costumes.

Na ilha de Bissago ou Bissão, situada junto ás costas occidentaes d'Africa, quando morre o soberano, começa-se por enterrar as suas mulheres favoritas e as suas escravas mais uteis, no proprio terreno em que o seu corpo será sepultado; ao depois traz-se este em um esquife tecido de ramos de uma especie de vime. Quatro dos mais robustos e mais distinctos tidalgos da corte, carregão este fardo. Dirigem-se todos em grande cerimonia para o lugar da sepultura, e entao começa a mais estranha scena. Os nobres cartegadores divertem-se muy gravemente em atirar ao ar o esquife precioso, e o seu talento consiste em o receber sempre sobre as mãos, sem o deixar cahir. Isto dura algum tempo até que fiquem fatigados. S.gue-se depois outro exercicio: um dentre elles deita-se a fio comprido no chão, e os seus companheiros continuão a atirar a sua carga; mas desta vez, sem se applicarem a apañal a a passagem, e cahe pesadamente sobre o paciente, que a recebe sem murmurar, mas não sem soffrer horrivelmente. Demais, é de tal gloriosamente recompensado, porque desde que se levanta, os assistentes o proclamão imperador, e começa o seu reinado. Apesar de que se tenha sempre o cuidado de escolher um parente proximo do defuncto, esta cerimonia apresenta alguma semelhança de prova e de eleição, e os quatro carregadores podem ser considerados como os electores do imperio de Bissão.

Entre os Tartaros a familia é uma monarchia patriarcal; o homem manda como senhor e a lei lhe permite a polygamia; com tudo, por effeito natural da civilisação, poucos Tartaros desposão muitas mulheres ao mesmo tempo; sómente se a primeira esposa tem envelhecido uma outra mais joven partilha o thalamo do senhor, mas não as honras domesticas da dona de casa.

O logogrifho do n.º 37 é: *Mortalha.*

Acompanha este n.º 38 um padrão de bordados.